

Escola e leitura: Carlos Drummond de Andrade no livro didático

Maria Amélia Dalvi¹

Resumo

Apresenta-se o resultado de uma pesquisa bibliográfica em que se analisou um livro didático de língua portuguesa e literatura para o Ensino Médio, publicado recentemente no Brasil, tendo como recorte a poesia de Carlos Drummond de Andrade. O estudo fundamentou-se teórica e metodologicamente no pensamento de Roger Chartier, e concluiu que as representações culturais são matrizes de discursos e de práticas de leitura às quais interessa a didatização do mundo. Nosso trabalho se insurge contra o apagamento da dimensão de prática (e, portanto, de atividade) que toda leitura encerra, tendo em vista a proposição de objetos culturais que materializem representações menos lineares, monolíticas e homogêneas do mundo, subvertendo, assim, as visões hegemônicas de leitura, literatura e materiais didáticos.

Palavras-chave

Livro didático; ensino de literatura; Ensino Médio.

Abstract

We will present the results of a biographic research in which didactic book of Portuguese language and literature for secondary schools, published in Brazil, is analyzed as cultural objects, considering the Brazilian writer Carlos Drummond de Andrade. This study is theoretically and methodologically based on Roger Chartier, and its conclusion is that the cultural representations identified form the matrix for

discourse and reading practices of interest to the didacticism of the world. Our research goes against erasing the dimension of practice (and, therefore, of activity) each reading includes, and will consider the proposition of other cultural objects, those which materialize less linear, monolithic and homogeneous representations of the world, thus subverting the hegemonic visions.

Keywords

Didactic book; teaching of literature; secondary school.

Este trabalho ocupa-se de um livro didático destinado ao Ensino Médio; trata-se de *Português: Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães (CEREJA; MAGALHÃES, 2004), publicado pela editora Atual já há alguns anos e bem avaliado pela última edição do Programa Nacional do Livro Didático para o Ensino Médio: Língua Portuguesa (BRASIL, 2008). Como recorte de pesquisa, elegemos o capítulo que aborda especificamente a figura autoral de Carlos Drummond de Andrade. Nossa orientação teórico-metodológica concerne à História Cultural de matriz francesa, dialogando especialmente com algumas noções próprias ao pensamento de Roger Chartier.

Com Alain Choppin (2004), suspeitamos que a representação da sociedade, da literatura e dos autores e obras nacionais constituída pelos livros e manuais didáticos corresponde, na realidade, a uma reconstrução, que tende mais a apresentá-los do modo como que se

1 Professora adjunta da Universidade Federal do Espírito Santo (Ufes). E-mail: mariaameliadalvi@gmail.com

gostaria que fossem do que do modo como são. Parece-nos, assim, que investigar o Drummond reconstruído (ou “inventado”) pelo livro didático permite supor que literatura, autores, obras e leitores a escola e a sociedade gostariam de ter, a despeito daqueles que efetivamente têm.

A identificação de Carlos Drummond de Andrade como o primeiro grande poeta público do Brasil, na expressão de Otto Maria Carpeaux (*apud* HOLANDA, 1996, p. 501), parte da evidente presença (ou onipresença) do autor no currículo da escola de nível médio (como se nota nos livros didáticos e nas listas de leitura obrigatória para os exames vestibulares, desde os anos de 1960 à atualidade), nas antologias e listas de cânones de poesia nacional (cf. MORICONI, 2002, 2001) e mesmo internacional (cf. BLOOM, 2010) e, por fim, no “inconsciente coletivo”, haja vista a adoção pela língua cotidiana de frases feitas ou clichês extraídos de sua poesia (caso paradigmático é a expressão “E agora, José?”).

Mediante pesquisas desenvolvidas anteriormente (DALVI, 2008, 2009, 2010), parece-nos pertinente afirmar que é estranho que se aceitem como os melhores livros didáticos brasileiros (ou seja, os mais bem avaliados pelo Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio) para a formação do leitor literário de nível médio obras nas quais um autor paradigmático de nossa experiência coletiva seja apresentado de modo fragmentado, desarticulado de toda a sua importância como um pensador politizado de cultura. A imagem do pacato funcionário público ou do velhinho deslocado no caos urbano do Rio de Janeiro não corresponde a uma poesia corrosiva, incessantemente metalinguística, autofágica e autocrítica, que problematizou de modo evidentemente provocativo alguns dos pilares da vida brasileira: a religiosidade, a família, a infância, a ideia de nacionalidade, o corpo e o gozo, o bom gosto burguês médio, o beletismo e o bacharelismo.

Não estamos aqui adotando um ponto de vista que ignore a irregularidade estética da produção poética de Carlos Drummond de Andrade. Sabemos que “o projeto mitificante de erigir um altar e nele fazer figurar, isolado e inatingível, o poeta Drummond, transformando-o em ‘poeta nacional’ [...] não passa de uma leitura ideológica interessada” (CARVALHO, 2003, p. 352). Por isso, é sintomático o *tour de force* compreendido pelos livros didáticos para apresentar um autor monolítico

que não tem nada que ver com o autor que se depreende da leitura efetiva de seus poemas. De acordo com Francisco Achcar (2000, p. 8-9),

Drummond é irregular e há divergências quanto ao que seriam seus altos e baixos [...]. Apesar das divergências, porém, há um número significativo de poemas (todos dos dez livros iniciais) que constaria em todas as antologias, qualquer que fosse a tendência do compilador. (grifo nosso)

Parece-nos que o Drummond apresentado pelo livro didático restringe-se a uma parcela desses poemas dos dez livros iniciais que constariam em todas as antologias. É este o poeta que perseguimos: o que resta da sùmula empreendida pela crítica e pela historiografia e chega à escola, no suporte material do livro didático – submetido aos protocolos de leitura que lhes são próprios.

Retomando o conteúdo de importantes publicações coletivas nas quais o livro didático ganhou espaço privilegiado (CHARTIER; MARTIN; VIVET, 1986; ESCOLAR SOBRINHO, 1993-1996; MICHON; MOLLIER, 2001), entendemos que nosso trabalho se filia àquilo para o que Alain Choppin (2008) chama a atenção, ou seja, a complexidade do “manual escolar” (como instrumento iniciático de leitura; suporte privilegiado de conteúdo educativo; objeto de manufatura inscrito em uma lógica industrial e comercial e subjugado aos contextos legislativo e regulamentar etc.).

O que nos move é a (triste) constatação de Brandão e Martins (2003, p. 263), de que

quase nunca se consegue garantir que a leitura literária do aluno se realize integralmente [...]. Entre o aluno/leitor e o autor apresentado, as interferências são tantas, atingindo desde a integridade dos textos [...] até a conduta invasiva das atividades de compreensão que estreitam as possibilidades de leitura do aluno.

Não desprezamos as coerções às quais a confecção de qualquer obra didática está submetida, pois entendemos que há a necessidade de uma organização fragmentária e parcial de todo o conteúdo eleito (seja pelo procedimento editorial, seja pela legislação educacional),

especialmente o literário. No entanto, o fato de os livros didáticos de língua portuguesa e literatura, destinados ao Ensino Médio, raramente divergirem entre si, seja na apresentação do poeta Carlos Drummond de Andrade e de sua obra, repetindo *ad nauseam* os mesmos poemas, acompanhados de suas leituras mais estereotipadas, seja na proposição inócua de exercícios que desprezam o caráter corrosivo da poesia *drummondiana*, parece desconsiderar o ensinamento mais elementar de Bakhtin e seu Círculo, bem como seu desdobramento pela Estética da Recepção: a saber, a recepção de um texto nunca poderá ser entendida como um ato passivo e só se completa com a atividade de leitura, ela mesma entendida, na perspectiva da História Cultural, como proposição de (novos) objetos culturais.

O fato de os livros didáticos apresentarem quase sempre um mesmo perfil de Carlos Drummond de Andrade e de elegerem os mesmos textos ou fragmentos para a exemplificação do que viria a ser sua poética tem que ver com a tendência do ensino de literatura não apenas no Brasil, mas no Ocidente. Trata-se da instituição de um código geracional, mediante o qual se compartilham imaginários, pela apropriação dos mesmos signos de pertencimento a dada classe ou grupo. É como se disséssemos que todos os que passaram pela escolarização formal de nível médio no Brasil, a partir de uma dada década do século XX, devessem conhecer o “Poema de sete faces” e “No meio do caminho tinha uma pedra”.

Não queremos pressupor a “demonização” do livro didático, pois entendemos que, como apontou Circe Bittencourt (2008), o manual escolar pode ser um espaço de rasura: não se pode prever ou controlar a apropriação que dele se faz. Nesse sentido, ainda que com as lacunas todas já fartamente apontadas pela produção acadêmica na área, o livro didático – e, especialmente, no nosso caso, o de língua portuguesa e literatura para o Ensino Médio – pode ser apropriado ativamente.

No entanto, o leitor, como leitor *em formação*, vê-se, em geral, constrangido pelo discurso “autoritário” do especialista na área – o autor do livro didático, que seleciona, recorta e interpreta o paideuma literário nacional –, legitimado, por sua vez, seja pelo selo editorial, seja pela escolha do professor (como figura de autoridade), seja pela avaliação realizada pelos especialistas da área para o PNLEM (via de regra, os livros trazem o selo distintivo de avaliação positiva pelo Programa).

Toda a estrutura material ou paratextual do livro (em geral, não consumível), bem como o movimento de filtragem de conteúdo (que restringe a proliferação de sentidos, selecionando a interpretação cristalizada pertinente), subsumem a dialética entre forma e abertura e entre obra e intérprete, como entendida por Umberto Eco. (1968, p. 40)

O pensamento de Roger Chartier (1988, 1990, 1994, 1998, 1999, 2000a, 2000b, 2001, 2002a, 2002b, 2003, 2007, 2009) propõe noções conceituais que nos são úteis. Para nós, a noção de representação, em consonância com o pensamento do historiador francês, é produto e produtora das práticas: conjunto de ordenações simbólicas que permitem não apenas significar a realidade, mas produzi-la. Para Pirola (2008), as representações são atravessadas por conflitos de interesses decorrentes de hegemonias que reiteram práticas culturais, reforçando-as. No âmbito desses conflitos estão, segundo o autor, as comunidades de interpretação, ou seja, “diferentes grupos que, contraditoriamente, constroem a realidade mediante configurações intelectuais múltiplas de determinação e classificação”. (p. 30) Seriam essas comunidades de interpretação que estabeleceriam práticas construtoras (ou confirmadoras) de uma determinada identidade social, no entendimento de que estabelecem as identidades geracionais a que já aludimos anteriormente, pela proposição de “uma forma específica de se estar no mundo”, “compreendendo-o através de critérios cuja validade e legitimação são por elas mesmas estabelecidas”. (Ibidem, p. 30)

Entendidos os autores de livros didáticos (para além dos avaliadores do PNLEM, dos professores que os adotam etc.) como constitutivos de comunidades de interpretação, ou seja, como membros de uma geração de intelectuais, podemos perceber a dinâmica simbólica que atua através dos manuais escolares. Para Choppin (2004), os autores de livros didáticos não são simples espectadores de seu tempo, mas reivindicam o lugar de agentes, pois o livro didático não é um mero espelho ou reflexo da realidade, mas atua na educação das novas gerações, fornecendo uma representação deformada, esquematizada, modelada, contudo, favorável à formação dos leitores desejados. Interessam-nos mais as visões de mundo que se pretendem hegemônicas, sinalizadas pelo livro didático especialmente, que os fatos ou informações apresentados. Não perdemos de vista, do mesmo modo, que a recepção e, portanto, a significação de um texto varia conforme

as competências, convenções, usos e protocolos de leitura próprios a diferentes comunidades interpretativas. (ABREU, 1999, 2003)

Precisaremos, pois, rastrear vestígios de estratégias através das quais se tenta propor ou impor, *de um lado*, uma leitura legitimada de Drummond, como multifacetado, todavia cristalizado a partir das noções de *gauchisme* e *humour* (pela restrição de acesso ao todo de sua produção, mediante a exclusão da produção poética posterior a *Lição de coisas* e mediante a seleção interessada de poemas, com a subscrição daqueles que tenham conteúdos mais evidentemente provocativos); e, *de outro lado*, uma representação de sua figura como nosso principal poeta de dicção pública, interessado em compreender o Brasil a partir das angústias de um indivíduo tímido, deslocado no caos urbano, e fragilizado, já que incompreendido (pois *gauche*) e abalado em seu vigor, inclusive físico (pois perpetua-se a imagem do poeta idoso, cabisbaixo, ensimesmado etc.), “todavia”, “funcionário público exemplar” e “pai de família amoroso”.

O livro didático é visto, aqui, como fonte de conhecimento e organizador curricular de uma determinada disciplina escolar (língua portuguesa e literatura), mas, sobretudo, “como produto de um determinado tempo e espaço históricos”, tornando-se, assim, “substrato de relações de um cenário que, atravessado de interesses muitas vezes conflituosos entre si, é inscrito nos manuais escolares por *escritas*, portanto, necessariamente culturais”. (PIROLA, op. cit., p. 32) Essas escritas se inscrevem como resultado de visões de sociedade, de escola/escolarização, de formação de leitor, de literatura, de cultura, de autor e de obra, visões essas que traduzem expectativas de constituições de representações, formando e ampliando comunidades de interpretação. Nesse sentido é que consideramos os livros didáticos como objetos culturais.

A coleção didática *Português: Linguagens*, de William Roberto Cereja e Thereza Cochar Magalhães, já faz parte do imaginário daqueles que lidam com o ensino-aprendizagem de língua portuguesa e literatura no Ensino Médio e daqueles que pesquisam os livros didáticos destinados ao mesmo fim, haja vista sua longevidade – e sucesso – no mercado editorial brasileiro. Mas, por quais razões tomamos tal coleção como nosso principal *corpus* para o estudo da invenção de Carlos Drummond de Andrade pelo livro didático do Ensino Médio?

Porque entendemos que se trata de um trabalho representativo de um conjunto contemporâneo de livros didáticos de Ensino Médio no que diz respeito ao tema que abordamos e às questões às quais nos propusemos responder.

O capítulo 24 de *Português: Linguagens* (CEREJA; MAGALHÃES, op. cit.) traz como título “A poesia de 30. Carlos Drummond de Andrade”. O texto verbal dá conta de que

A poesia da segunda geração modernista foi, essencialmente, uma poesia de questionamento: da existência humana, do sentimento de “estar no mundo”, das inquietações social, religiosa, filosófica, amorosa. Carlos Drummond de Andrade é o poeta que melhor representa o espírito dessa geração e sua produção poética constitui um dos pontos mais altos da nossa literatura. (Ibidem, p. 242)

Quando se afirma que Carlos Drummond de Andrade é o poeta que “melhor representa o espírito” de uma geração que se caracteriza pelo questionamento “da existência humana, do sentimento de ‘estar no mundo’, das inquietações social, religiosa, filosófica, amorosa”, indiretamente se faz menção à noção de “poesia corrosiva”, defendida por Luiz Costa Lima (1995). A própria expressão “estar no mundo” remete diretamente à produção poética de Drummond e aos traços apontados por sua crítica, pois, no entendimento de, por exemplo, Affonso Romano de Sant’Anna (1980, 1992), a poesia drummondiana se organiza em três momentos distintos: eu menor que o mundo, eu maior que o mundo, eu igual ao mundo – em proximidade com a leitura de José Miguel Wisnik (2005) para a importância da palavra mundo na produção literária do itabirano. Por outro lado, quando se afirma que a produção poética drummondiana “constitui um dos pontos mais altos da nossa literatura”, vemos uma semelhança com aquilo que Francisco Achar (op. cit.), por exemplo, sinaliza: o lugar ímpar da poesia de Carlos Drummond de Andrade, a despeito de sua irregularidade e das divergências da crítica a respeito de quais seriam seus momentos mais luminosos.

Nas duas páginas seguintes do livro didático em questão (CEREJA; MAGALHÃES, op. cit., p. 243-244) é proposta uma atividade de leitura do poema “Quadrilha”, que pertence ao livro de estreia de Drum-

mond, *Alguma poesia*, publicado em 1930. As propostas de análise do poema drummondiano nos parecem pertinentes, em sintonia com a inspiração teórico-metodológica do livro, de matriz bakhtiniana. Mas, para o delineamento do Drummond inventado pelo livro didático, parece-nos interessante atentar à quarta questão da atividade proposta: “4. O poema ‘Quadrilha’ é leve e bem-humorado. Apesar disso, ele é reflexivo? Justifique sua resposta.” (p. 244) Temos implícita aí a ideia de que leveza e bom-humor frequentemente não se conjugam com reflexividade, mas que, “no entanto”, neste poema de Drummond isso ocorre. Note-se que se resgata, assim, a leitura instituída pela crítica (principalmente de Mário de Andrade a Sérgio Buarque de Holanda), de que Drummond seja “mestre consumado na arte de misturar os contrários”. (HOLANDA, 1996, p. 465)

Notemos também que, ainda na mesma página (p. 244), depois de supostamente finalizado o exercício de leitura proposto sobre o poema “Quadrilha”, o texto didático “responde” da seguinte forma à última questão proposta na atividade, a saber: “5. Com base na leitura desse poema, que mudanças você identifica na poesia de 30, em relação à poesia de 22?”:

Em 1930, a vitória da primeira geração modernista na luta travada contra a cultura acadêmica já estava consolidada. Muitas de suas propostas, como o verso livre, a afirmação de uma língua brasileira, a priorização da paisagem nacional e a abordagem de temas ligados ao cotidiano, estavam definitivamente consolidadas em nossa literatura.

A segunda geração modernista, livre do compromisso de combater o passado, manteve muitas das conquistas da geração anterior, mas também se sentia inteiramente à vontade para voltar a cultivar certos recursos poéticos que o radicalismo da primeira geração tornara objeto de desprezo, tais como os versos regulares (metrificados), a estrofação criteriosa e as formas fixas, como o soneto, a balada, o rondó, o madrigal. (CEREJA; MAGALHÃES, op. cit., p. 244)

Percebemos nesse trecho a estrutura em espiral da apresentação didática dos conteúdos que o Catálogo do PNLEM elogia: retoma as afirmações de abertura da unidade e do capítulo; relembra ao estudante quais eram as principais propostas da primeira geração moder-

nista; e relembra, ainda, quais eram os recursos poéticos desprezados por aquela mesma geração. Em seguida, antecipando-se a uma má leitura do texto do capítulo até então apresentado (e minimizando/restringindo essa possibilidade), o parágrafo seguinte tem o cuidado de advertir que “Não se trata de uma geração antimodernista no interior do próprio Modernismo. Pelo contrário”. (Ibidem, p. 244)

Na sequência, passa-se à enumeração de dados biográficos entre-meados pelo poema “No meio do caminho”. Exige análise a afirmação de que “Na década de 1940, [Drummond] foi simpatizante da causa socialista [...] [mas que] Da década de 1950 em diante, o ceticismo político passou a marcar sua vida” (p. 245). Conforme a apresentação que fizemos não apenas da vida e obra de Drummond, mas, principalmente das leituras críticas de sua produção poética (DALVI, 2009, 2010), não parece ajustado que se segmente a vida e a produção literária do autor em questão. O poeta visou, em toda a sua trajetória, dialogar com seu “tempo presente”, razão pela qual não parece coerente reduzir suas opções estético-epistemológicas a meras questões individuais ou subjetivas. Outra questão a ser destacada é que, quando se afirma que o “ceticismo político passou a marcar sua vida”, se imiscui aí a ideia de que arte e política podem ser dissociadas, como se fossem polos distintos da experiência humana.

A abertura da seção intitulada “Obra” ressalta a produção em prosa de Drummond, contudo afirma que “[...] Apesar da qualidade desse material, daremos ênfase ao estudo de sua poesia, gênero em que o escritor mais se destacou”. (p. 245) Em sua organização, o capítulo de Cereja e Magalhães (op. cit., p. 242-251), sob exame, se apropria da leitura crítica de José Guilherme Merquior (1976), que organiza a produção de Carlos Drummond de Andrade em quatro fases (*gauche*: 1930; social: 1940-45; do “não”: 1950-60; e da memória: 1970-80).

São apresentados como pertencentes à “fase *gauche*” os livros *Alguma poesia* (1930) e *Brejo das Almas* (1934), no quais “ainda podem ser encontrados certos recursos que se associam à primeira geração modernista”. (p. 245) Para caracterizar essa fase, o livro didático afirma que “[...] A palavra *gauche*, do francês, significa ‘lado esquerdo’. Aplicada ao ser humano, significa aquele que se sente às avessas, torto, que não consegue estabelecer uma comunicação com a realidade”. (p. 245) Parece-nos que é no mínimo redutor se pensar que toda a

produção dessa fase (que põe em exame questões de grande vulto como a brasilidade, o nacionalismo, o corpo, a religiosidade, a política de favor etc.) “não consegue estabelecer uma comunicação com a realidade”. (p. 245)

Nas páginas 248 e 249, *Português: Linguagens* (op. cit.) apresenta a fase “social” do poeta. Principia afirmando que “*Sentimento do mundo* (1940), o terceiro livro de Drummond, marca uma sensível mudança na orientação da poesia do autor”. (p. 248) Dialogando explicitamente com esse comentário, o livro didático traz ainda um trecho de entrevista concedida por Drummond, em 1945, ano em que termina a Segunda Guerra Mundial e em que é publicado *A rosa do povo*.

Em seguida, afirma-se, em diálogo com a leitura crítica de Antonio Candido (1995), que quando Drummond afirma ter resolvido as “contradições elementares de sua poesia” está-se referindo aos embates (ou “inquiétudes”) entre o eu e o mundo. Essa resolução dos conflitos entre eu-mundo seria resultado da percepção de que o “gauchismo não lhe é exclusivo, é universal”. (CEREJA; MAGALHÃES, op. cit., p. 248) Assim, “em vez de o eu se excluir do mundo, tenta transformá-lo e garantir nele o seu espaço”. (p. 248) Exemplificando essa fase, o livro didático traz o poema “José”.

Na sequência, apresentam-se a terceira e a quarta fases da poesia drummondiana. A terceira fase, retomando a *História concisa da literatura brasileira*, de Alfredo Bosi (2001), é intitulada como a do “signo do não”, já que a poesia de Drummond, de 1945 em diante, teria começado a seguir duas orientações: “[...] de um lado, a poesia reflexiva, filosófica e metafísica, em que, com frequência, aparecem os temas da morte e do tempo; de outro, a poesia nominal, com tendências ao Concretismo, em que se destaca a preocupação com recursos fônicos, visuais e gráficos do texto”. (CEREJA; MAGALHÃES, op. cit., p. 249) A quarta fase, por sua vez, é apresentada como o “tempo de memória”, já que “A produção poética de Drummond nas décadas de 1970 e 1980 dá amplo destaque ao universo da memória”, pela retomada de temas como “a infância, Itabira, o pai, a família, a piada, o humor cotidiano, a autoironia”. (Ibidem, p. 250) Por fim, na seção intitulada “Antologia”, aparecem os poemas “Mãos dadas” e “A ilusão do migrante”, ladeados por uma das ilustrações de Milton Dacosta para “uma das obras de Drummond”. Contudo, o que o livro didático

omite é que a obra de que se extraiu a ilustração de Dacosta é *O amor natural*, livro póstumo de poemas eróticos.

Vimos até aqui que, o tempo todo, implícita ou explicitamente, o livro didático analisado dialoga com a crítica e a historiografia literárias a respeito da produção poética de Carlos Drummond de Andrade, repetindo, por vezes, leituras que mereceriam um redimensionamento que levasse em conta as conquistas teóricas dos últimos anos. Parece-nos que o Drummond inventado pelo livro didático coincide com o Drummond da crítica e da historiografia (como indicam algumas aproximações realizadas acima, para exemplificação), ainda que o discurso do livro didático deva ser, necessariamente, muito mais sintético.

Parece-nos que, por melhores que sejam, os livros didáticos continuam submetendo-se aos ditames de uma articulação diretiva e condicionante entre contexto (como representação) e obra literária. Esse traço nos parece ser evidente na leitura que apresentamos de Cereja e Magalhães. (Ibidem) Parece-nos ainda que o livro didático analisado apresenta uma seleção esquisita da produção poética de Drummond: os textos todos parecem atender ao propósito de inventar um Drummond unitário, monolítico, quando, na realidade, o texto-base do capítulo analisado tenta dar mostras de que esse mesmo Drummond é multifacetado.

O livro didático de Ensino Médio analisado, a despeito de suas inúmeras qualidades, apresenta o poeta Carlos Drummond de Andrade como ícone do Modernismo brasileiro, e, ainda, como um poeta multifacetado, todavia, cristalizado a partir de noções como *gauche*, *humour*, ironia e irreverência formal – traços estes colados à primeira fase de sua produção, conforme assinalam a crítica e a historiografia mais canônicas acerca de sua poética. O poeta Drummond é apresentado de modo redutor, quando confrontado com a efetiva leitura de seus poemas: aparecem muito mais frequentemente poemas relacionados às ditas primeira e segunda fases de sua produção, desconsiderando inclusive poemas dessas mesmas fases mas que fujam ao rótulo proposto.

Também este trabalho, como objeto cultural, encerra uma representação dos livros didáticos, da crítica, da historiografia e de si mesmo, representação essa que remete não apenas a práticas culturais,

mas a comunidades de interpretação e a apropriações específicas. Contudo, interessa-nos defender que nosso trabalho se insurge – de dentro mesmo da didatização que sinalizamos – contra o apagamento da dimensão de prática (e, portanto, de atividade) que toda leitura encerra, tendo em vista a proposição de objetos culturais outros que materializem representações menos lineares, monolíticas e homogêneas do mundo, subvertendo, assim, as visões hegemônicas: queremos um Drummond – e uma literatura, uma (trans)formação de leitores escolarizados – menos previsível.

Se o livro didático é um objeto cultural, que encerra e materializa a prática de sujeitos; se o livro didático é portador de representações de sujeitos historicamente situados e datados sobre uma determinada realidade ou sobre um determinado aspecto dessa realidade; é, então, importante que o livro didático se abra ao leitor, permitindo que inscreva leituras diferentes das já consagradas – leituras que problematizem seu próprio lugar no mundo, como leitor, e, portanto, como sujeito, a fim de que se geste efetivamente uma apropriação da cultura coletivamente construída. O livro didático é, pois, de dentro dessa perspectiva, uma confluência de inúmeras forças e formas de conceber, ler e inventar não apenas a literatura, seus autores e obras, mas a própria sociedade. Compete-nos, pois, inventar os leitores (e professores de língua e literatura) que queremos (e podemos) ser.

Referências bibliográficas

- ABREU, Márcia. *Os caminhos do livro*. São Paulo: Mercado de Letras, 2003.
- _____. (Org.). *Leitura, história e história da leitura*. São Paulo: Mercado de Letras, 1999.
- ACHCAR, Francisco. *Carlos Drummond de Andrade*. São Paulo: Publi-folha, 2000.
- BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.
- BLOOM, Harold. *O cânone ocidental*. São Paulo: Ponto de Leitura, 2010.
- BOSI, Alfredo. *História concisa da literatura brasileira*. 38. ed. São Paulo: Cultrix, 2001.
- BRANDÃO, H. M. B.; MARTINS, A. A. A leitura literária no PNLD diante dos PCN's. In: ROJO, R.; BATISTA, A. A. G. (Orgs.). *Livro didático de língua portuguesa, letramento e cultura da escrita*. Campinas: Mercado de Letras, 2003. p. 253-276.
- BRASIL. Secretaria de educação básica. *Língua portuguesa: catálogo do Programa Nacional do Livro para o Ensino Médio: PNLEM/2009*. Brasília: Ministério da Educação, 2008.
- CANDIDO, Antonio. *Inquietudes na poesia de Drummond. Vários escritos*. 3. ed. revista e ampliada. São Paulo: Duas Cidades, 1995. p. 111-145.
- CARVALHO, Raimundo. O centenário Drummond. In: OLIVEIRA, Bernardo; AMARAL, Sérgio; SALGUEIRO, Wilberth (Orgs.). *Vale a escrita? 2: criação e crítica na contemporaneidade*. Vitória: PPGL/MEL; Flor&Cultura, 2003. p. 350-358.
- CEREJA, William Roberto; MAGALHÃES, Thereza Cochar. *Português: linguagens*. 4. ed. São Paulo: Atual, 2004.
- CHARTIER, Roger. *A história ou a leitura do tempo*. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.
- _____. *Inscrever e apagar: cultura escrita e literatura, séculos XI-XVIII*. São Paulo: Editora Unesp, 2007.
- _____. *Leituras e leitores na França do Antigo Regime*. São Paulo: Edu-nesp, 2004.
- _____. *Formas e sentidos. Cultura escrita: entre distinção e apropriação*. Campinas: Associação de Leitura do Brasil; Mercado de Letras, 2003.
- _____. *Os desafios da escrita*. São Paulo: Editora Unesp, 2002a.
- _____. *À beira da falésia: a História entre certezas e inquietudes*. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2002b.
- _____. *Cultura escrita, literatura e história: conversas de Roger Chartier com Carlos Aguirre Anaya, Jesús Anaya Rosique, Daniel Goldin e Antonio Saborito*. Porto Alegre: Artmed, 2001.
- _____. *El orden de los libros: lectores, autores, bibliotecas em Europa entre los siglos XIV y XVIII*. Barcelona: Gedisa, 2000a.
- _____. *Entre poder y placer: cultura escrita y literatura en la Edad Moderna*. Madrid: Cátedra, 2000b.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora Unesp, 1999.
- _____. *A aventura do livro: do leitor ao navegador. Conversações com Jean Lebrun*. São Paulo: Editora Unesp, 1998.

- _____. *A ordem dos livros: leitores, autores e bibliotecas na Europa entre os séculos XIV e XVII*. Brasília: Editora UnB, 1994.
- _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1990.
- _____. *A história cultural entre práticas e representações*. Lisboa: Difel, 1988.
- _____.; MARTIN, H.-J.; VIVET, J.-P. *Histoire de l'édition française*. Paris: Promodis, 1986. 4. v.
- CHOPPIN, Alain. Prefácio. In: BITTENCOURT, Circe. *Livro didático e saber escolar (1810-1910)*. Belo Horizonte: Autêntica, 2008. p. 9-12.
- _____. História dos livros e das edições didáticas: sobre o estado da arte. *Educação e Pesquisa*, v. 30, n. 3, p. 549-566, 2004.
- DALVI, Maria Amélia. *Drummond, a crítica e a escola: a invenção de um poeta nacional pelo livro didático de Ensino Médio*. Doutorado em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 2010.
- _____. *Drummond, do corpo ao corpus: o amor natural toma parte no projeto poético-pensante*. Vitória: Edufes, 2009.
- _____. *O amor natural e o projeto poético-pensante de Carlos Drummond de Andrade*. Mestrado em Letras. Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- ECO, Umberto. *Obra aberta*. São Paulo: Perspectiva, 1968.
- ESCOLAR SOBRINHO, H. *Historia ilustrada del libro español*. Madrid: Fundación Germán Sánchez Ruipérez, 1993-1996. 3. v.
- HOLANDA, Sérgio Buarque de. Rebelião e convenção – I, Rebelião e convenção – II, O mineiro Drummond – I, O mineiro Drummond – II. In: PRADO, Antonio Arnoni (Org., intr. e notas). *O espírito e a letra: estudos de crítica literária, 1947-1958: volume II*. São Paulo: Companhia das letras, 1996. p. 501-505, 506-510, 558-561, 562-566. 2 v.
- LIMA, Luiz Costa. *Lira & antilira: Mário, Drummond, Cabral*. 2. ed. revista. Rio de Janeiro: Topbooks, 1995.
- MERQUIOR, José Guilherme. *Verso universo em Drummond*. Trad. Marly de Oliveira. 2. ed. Rio de Janeiro: José Olympio, 1976.
- MICHON, J.; MOLLIÉ, J.-Y. (Dir.). *Les mutations du livre et de l'édition dans le monde du XVIIIe siècle à l'an 2000*. Sainte-Foy: Les Presses de l'Université Laval; Paris: L'Harmattan, 2001.
- MORICONI, Ítalo. *Como e por que ler a poesia brasileira do século XX*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2002.
- _____(Org.). *Os cem melhores poemas brasileiros do século*. Rio de Janeiro: Objetiva, 2001.
- PIROLA, André Luis Bis. *O livro didático no Espírito Santo e o Espírito Santo no livro didático: história e representações*. Dissertação em Educação. Universidade Federal do Espírito Santo, 2008.
- SANT'ANNA, Affonso Romano de. *Drummond: o gauche no tempo*. 4. ed. Rio de Janeiro: Record, 1992.
- _____. *Carlos Drummond de Andrade: análise da obra*. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1980.
- WISNIK, José Miguel. Drummond e o mundo. In: NOVAES, Adauto (Org.). *Poetas que pensaram o mundo*. São Paulo: Companhia das Letras, 2005. p. 19-64.

Recebido em 15 de junho de 2011 e aceito em 18 de dezembro de 2011.